



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Isaac Pelegrino Menegotto FG190

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.031.SIN-TRA

Entrevistado/a: Isaac Pelegrino Menegotto (com a participação de Lorena Maria Tomasi Chiaradia)

Entrevistador/a/es: Sônia Storch Fries e Susana Storch Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 25 de janeiro de 1996

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Primeira Festa da Uva de Caxias do Sul: data, local, organizador, caráter.

Local dos Pavilhões da Festa da Uva: de 1932 a 1937.

Festa da Uva de 1950: exposição, polêmica, incêndio.

Festa da Uva de 1954: pavilhões, presidente da festa, visitas ilustres, bailes realizados no Juvenil, rainha, carro da rainha.

Festa da Uva de 1958: rainha, presidente da festa, confecção de carros alegóricos.

Festa da Uva de 1968: presidente da festa, construção dos pavilhões e das arquibancadas.

Festa da Uva de 1972: percalços por causa da chuva, curso (utilização de carretas).

Confecção de carros alegóricos: colaboradores, carros produzidos pelos colonos, decoração com uvas naturais, confecção de carros mais elaborados, processo de criação, carros tradicionais (Rincão da Lealdade, Eberle, Tomazzoni, carro dos caçadores, carro da rainha, Casa Colonial e Casa de Pedra).

Eleição de Oliva Terezinha Morganti para rainha (Festa de 1950).

Processo de eleição da rainha da Festa da Uva e eleição de Maria Elisa Eberle.

Organização dos desfiles: carros e figurantes. Curso alegórico: estética.

A construção de pórticos para enfeitar a cidade durante a Festa

Melhores carros, na opinião de Isaac: Carro da rainha Marisa Dotti e carro "A Carreta".

Desfiles noturnos: princípio, iluminação.

Colaboração de Lorena Chiaradia e dos filhos de Lorena na elaboração e confecção dos carros alegóricos.

Transcrição:

Sônia: O Projeto Vozes da Terra traz hoje a presença do seu Isaac Menegotto, que acompanhou todas as Festas da Uva, fazendo inclusive o projeto e a execução dos carros alegóricos, desde o primeiro né, seu Isaac? Até que ano o senhor trabalhou?

Isaac: Desde o primeiro. Até em [19]84. Até [19]84, não foi que tu entrou? Até 1984.

Sônia: Então, ele é uma memória viva das Festas da Uva. Então, seu Isaac, pra gente começar: o seu nome completo, a data do seu nascimento?

Isaac: É Isaac Pelegrino Menegotto, nasci no dia primeiro de agosto de 1920, casado, e já completei cinquenta anos de vida de casado e tenho três filhos.

Sônia: Seu Isaac, o que o senhor lembra da primeira Festa da Uva?

Isaac: Bom, a primeira Festa da Uva eu era guri, e tinha onze anos. Foi no Recreio da Juventude e foi organizada a mostra de uvas por Joaquim Pedro Lisboa, o primeiro a organizar esse, esse evento aqui em Caxias, em 1931, em [19]31. A segunda foi em 1932 e foi construído um pavilhão, cujo o construtor foi meu pai com a equipe que ele tinha. E foi todo forrado de pano por fora. Foi feita a mesma coisa em 1934 e [19]37 e, depois, era impermeabilizado com cal, gesso e cola como nós fazíamos com... Esses pavilhões foram usados somente durante um dia da Festa da Uva, porque a Festa da Uva praticamente era um dia só de desfile e uma semana de mostras. Em trinta e... a primeira festa de mil novecentos e... Em 1950, depois da guerra, então foi organizada a primeira Festa da Uva depois da guerra. Ali sim, aí foi construído, foi feita na Cooperativa Madeireira, nos pavilhões da Cooperativa Madeireira, e foi uma mostra muito bonita, até houve um caso, muito interessante que eu faço questão de salientar aqui, que foi com o padre [Eugênio] Jordani . Que o Mosele [Mosele & Cia LTDA] tinha feito um estande, e tinha posto uma casaca, como se uma pessoa tivesse, um casal tivesse ido à festa e depois foram pra casa e o marido deixou a casaca em cima de uma cadeira, e a mulher deixou a estola de pele, e o padre julgou que aquilo era uma barbaridade, que de madrugada eles foram pra casa e tudo mais. Houve uma polêmica muito grande naquela vez, e eu faço questão que isso aqui, já que nós estamos contando a história, né? Todo mundo ficou sabendo e aí o Mosele teve que tirar a casaca, do homem e a mulher, a pele, e terminou a história. Isso foi em 1950. Depois naquele mesmo ano, tinha um restaurante que funcionava dia e noite, que um dos proprietários era o conhecido Bolachinha. Como era o nome dele? Era, me faz lembrar o irmão do Bolacha [se dirige a Lorena Chiaradia]. Bom, o restaurante funcionou toda noite e o calor do fogão, que estava funcionando lá no pavilhão de madeira, fez pegar fogo o pavilhão e tinha o avião Duque de Caxias, que até hoje está exposto ali, e pegou fogo o avião também, que estava exposto naquela época. Te recorda?

Lorena: Não, não é do meu tempo.

Isaac: Ah não, tu não és... Em 1950. E queimou o piano da Dona Sueli Bergmann, que era esposa do Bolachinha, um Schiedmayer maravilhoso e queimou naquela, naquela exposição. É. Afinal de contas, naquela época se falava muito que botaram fogo, porque foram mal e tudo mais, mas ninguém provou nada e terminou com a história. Mas é uma história que deve ser contada, né? Porque aconteceu na primeira Festa da Uva, depois da guerra. E assim outros casos que aconteceram na época, que não recordo de momento, mas que devem ser contados pela história da Festa da Uva. Isso em 1950. Em [19]54 foi organizada então a outra Festa da Uva, cujo pavilhão foi feito no local onde está a prefeitura hoje. E Euclides Triches era o presidente, não, era o prefeito, e o sogro dele, o Ungaretti, Júlio Ungaretti foi o presidente da Festa da Uva. Aí fizeram o pavilhão, onde está atualmente a prefeitura, cujo o presidente era... da Festa da Uva era o Júlio Ungaretti. Aí foi uma festa muito bonita, veio Getúlio Vargas e o Ernesto Dornelles, que era o Governador do Estado. Foi nesta oportunidade que nós fizemos onze bailes no Clube Juvenil, em comemoração da Festa da Uva e, naquela época, eu era presidente do Clube Juvenil. E os bailes foram tão cheios que o Getúlio e o Ernesto Dornelles não conseguiram entrar nos bailes de tanta gente que tinha e eles terminaram não indo ao baile por causa da, né? Veio junto com Getúlio, o Gregório, o famoso Gregório e que não deixou o Getúlio nem pegar uma cestinha de uvas, que foi oferecida, porque ele achava que podia ter bomba, podia ter qualquer coisa dentro da cestinha, e não deixou a Rivadávia... Como é? Laís? Eu não me lembro.

Lorena: Laís Rivadávia

Isaac: Laís Rivadávia. Ela queria entregar a cesta e o Gregório passou a mão na frente do Getúlio, arrancou a cesta e não apareceu mais. Não deixou o Getúlio nem pegar na cesta.

Lorena: Motivo de segurança.

Isaac: Motivo de segurança. Isso foi em 1954. E em [19]58 foi feita, era cada quatro anos, a Festa da Uva e, quem era o presidente, era o João José Conte, cuja a rainha foi Zilá, a Turra e aí se fez vários carros alegóricos. Porque todos os carros alegóricos daquela época foram feitos por mim, até o dia que entrou a Lorena. Quer dizer, antes disso a Lorena participava, a Lorena Chiaradia, participava em fazer flores, os enfeites de carros era ela quem fazia. Então, eu ia lá contratava os serviços da Lorena e ela passava meses fazendo flores e galhos e, né? Em [19]52... em [19]62 foi a Festa da Uva do, do... do [Bertilo] Witgen?

Lorena: É, do Witgen.

Isaac: Não, foi em [19]72. O Witgen foi presidente em 1972 [Mário Bernardino Ramos foi presidente da Festa da Uva de 1972. Bertilo Witgen foi presidente da festa da Uva de 1961]. Ali choveu, todos os dias que nós programávamos cursos alegóricos, chovia. Mas chovia como agora, essa chuva que está aí. E, no dia que nós resolvemos sair, eu tinha feito um carro alegórico pra rainha, aliás, o Darwin Gazzana, que eu vou falar depois, fez uma carreta maravilhosa em cima de um caminhão, e forrou todo piso com leivas e, quando saiu lá do curtume Tupi, que nós estávamos fazendo os carros alegóricos lá embaixo, o peso era tanto que quebrou o carro no meio, de madrugada, quando nós íamos saindo. Aí a firma Evaristo de Antoni chamou todos os empregados e eles arrumaram o carro, em duas horas arrumaram todo o chassi do carro. E, quando nós saímos na rua, a chuva foi tanta que desmontou todos os carros alegóricos. Inclusive, eu quero lembrar uma passagem que, tinha a Magda Pfrimer, era a rainha de Brasília, me parece, e ela estava sentada dentro de uma taça que nós tínhamos feito, e a taça era impermeável e ela ficou com água até aqui. [risos] Mas foi uma festa muito bonita porque todas as gurias ficaram de pé descalço, saíram pra rua, se molharam todas, e toda população de Caxias fornecia cachaça, conhaque, vinho pra esquentar o pessoal porque estava todo molhado, né? Inclusive, me recordo do Joaquim Pedro Lisboa, que morava aqui na Sinimbu, saiu de casa com um litro de conhaque e veio a minha procura e me fez, eu tive que tomar quase um litro de conhaque porque ele achou que eu ia adoecer, né, eu estava super molhado. Aí fomos na casa do Witgen, que era presidente, e estava toda imprensa reunida lá, pra saber o que iam fazer porque estava terminando o curso alegórico. E eu estava meio bêbado do conhaque que eu tinha tomado, e o Diogo “Domingo que vem tem outro curso alegórico igual a esse aí!” Aí eu chamei a Lorena, chamei todo mundo, me parece que ela foi lá naquela época, e nós conseguimos remontar tudo numa semana e saiu o curso alegórico.

Susana: Choveu de novo?

Isaac: Não, aí não choveu, por sorte não choveu. Mas eu tinha sessenta e cinco carros alegóricos montados e eu desfilei com trinta e cinco, porque eram caminhões emprestados, eram carretas emprestadas e o pessoal precisou levar embora e nós, então, desmontamos os carros, fiquei com trinta e cinco carros. Foi ali que nós mandamos fazer as carretas, essas carretas que estão ali de ferro, eu mandei fazer, o Jorge Shebe era o presidente do Corso, e eu convidei o Jorge e disse “Vamos fazer a carreta, porque senão o que nós vamos fazer? Todo mundo tem que emprestar os carretões e não tem, e assim fica da Festa da Uva”. Fomos na Mazal de Santo Antônio da Patrulha e mandamos fazer vinte carretas. Naquela época eles nos cobraram dez... dez mil cruzeiros cada carreta. Foi baratíssimo! E no outro ano mandei fazer mais dez. Ficamos com trinta carretas. Mais dez compramos de particulares, né, carretas agrícolas. Ficamos com quarenta carros pra montar os alegóricos. Até hoje tão montando esses carros, os carros alegóricos estão sendo montados em cima dessas carretas. E os pneus eram pneus de avião, que a Mazal comprava da VARIG, [Viação Aérea Riograndense] porque o avião depois de duas descidas ele não podia mais usar o mesmo pneu, então tinha horrores de pneus de avião que foram utilizados pra fazer as carretas que estão aí até hoje, né, Lorena? Agora eu quero que a Lorena me ajude porque ela está trabalhando já há tempo. A Lorena, veio trabalhar comigo nos cursos alegóricos, depois de fazer as flores, né, em mil novecentos e...

Lorena: [19]68.

Isaac: Em [19]68, na Festa da Uva do... quem era o presidente? [Festa da Uva de 1969]

Lorena: Não me lembro mais.

Isaac: Em [19]68 era, o Lívio Gazola.

Susana: Isso

Lorena: Lívio Gazola.

Isaac: Lívio Gazola, é. Foi nessa oportunidade que a Lorena veio trabalhar comigo. Aí eu fiz o "bispão". O bispão era o pavilhão esse que estão construindo defronte à igreja, de ferro, que depois nós compramos da [inaudível], eu fiz todo de madeira, eu consegui fazer. Porque a Festa da Uva, como sempre, nunca tinha dinheiro pra fazer nada. Mas não tinha dinheiro pra coisa nenhuma! E eu precisava fazer o pavilhão de cento e dez metros! Então, eu falei com as fábricas de camas da, da Federal, o dono da fábrica era... Não me recordo agora o nome. Ele disse “Olha, eu fico com toda a madeira pela metade do preço. Tudo que for do pavilhão, que vocês vão construir, eu compro a madeira pela metade do preço”. Fizemos negócio! Então, o pavilhão, vamos dizer que ia custar

cem mil cruzeiros, custou cinquenta, e foi o primeiro que se fez. No outro ano se fez outro; a mesma coisa. Aí nós compramos os canos da, daquela empresa Mills, esses canos que tem aí.

Lorena: Isso eram as arquibancadas.

Isaac: As arquibancadas, exatamente, chamadas de bispão, até hoje acho que é chamada de bispão isso aí. E aí então se passou a ter um pavilhão pra poder fazer o desfile, se não nós não tínhamos um pavilhão.

Lorena: Arquibancada, né, arquibancada [inaudível].

Isaac: Pavilhão é arquibancada da Praça [Dante Alighieri]. E, durante todo esse tempo, nós trabalhamos em fazer carros alegóricos e aí nos últimos anos a Lorena e o filho...

Lorena: Os filhos.

Isaac: Os filhos, pois é, trabalharam comigo, aliás, a filha dela trabalhava antes comigo. Aliás, uma decoradora fabulosa.

Lorena: Mora na África agora.

Isaac: É, ela está morando na África, trabalhando na África. Mas foi assim, o curso alegórico sempre foi feito por nós. Se vier outro dizer que fez curso alegórico aí, é mentira, né, Lorena? Nós que fizemos.

Lorena: Não, nós tivemos o [Darwin] Gazzana que fazia obras de arte.

Isaac: Ah bom, tem outros que trabalharam junto. Por exemplo, o Darwin Gazana, eu não conheci ninguém que fizesse desenhos e carros tão bonitos como o Darwin Gazana.

Lorena: Outro artista que nós tivemos é o seu Aurélio Dal Zotto.

Isaac: Mas o Aurélio Dal Zotto ele...

Lorena: Ele fazia pra ele, pra fábrica dele.

Isaac: Pra ele. Ele tinha uma especialidade de fazer o carro alegórico pra ele, lá da... Ele fazia braços mecânicos, tudo mais levava aquela cesta pra cima e as moças, o Aurélio Dal Zotto. E tinha pessoas que nos ajudavam. Agora, como o Darwin Gazzana eu desconheço outro que fizesse o trabalho do Darwin Gazana.

Lorena: Artista. Artista total.

Isaac: Artista! Não tinha o que dizer.

Sônia: Seu Isaac, e como é que foi despertado no senhor esse interesse em fazer carros alegóricos?

Isaac: Bom, eu agora vou dizer como é que foi. Eu trabalhava, na época que começamos os carros alegóricos, em 1950, porque antes era só uma ou duas firmas que faziam os carros em casa. Mas, os carros da colônia, eu tinha o Humberto Bassanessi que me ajudava fazer isso, ele fazia parte sempre da diretoria da Festa da Uva e nós então dávamos cinquenta reais, cinquenta cruzeiros para os colonos das paróquias e eles faziam os carros alegóricos. Mas os colonos, sabe como é, ao invés de usarem para fazer os carros, eles compravam churrasco e faziam churrasco para depois vir para cidade em cima de carretas, eles botavam uns cachos de uvas, um vinho, e vinham bebendo vinho. Chegavam aqui no curso alegórico eles, sabe como é, depois de meio bêbados com vinho, eles cuspiam no povo e faziam.... Nós terminamos com a história de dar dinheiro para fazer as carretas. Foram, os primeiros carros alegóricos foram carretas puxadas por mulas e tudo mais. Aí nós resolvemos não botar mais uvas naturais nos carros alegóricos, porque o pessoal avançava, desmontava o carro para comer a uva e, no fim, estragava com tudo, porque em vez de ajudar eles estragavam, né? E foi assim que nós fomos aperfeiçoando, fazendo carros mais sofisticados, que o povo criticava “Ah, porque Festa da Uva tem que ser carro de uva!” Mas não sabia as dificuldades de fazer um curso alegórico com uva. A Lorena aqui sabe muito bem o que é botar uva natural nos carros. Nos últimos anos ela botou, mas o pessoal avançava e arrancava tudo a uva, né? Pode, pode falar.

Susana: Não, depois.

Isaac: Ah, depois. De forma que os carros foram ficando sofisticados e tudo mais, por causa disso, por causa do avanço do povo nas uvas. E nós fazíamos com uvas artificiais, essas de plástico e tudo mais, se fazia os carros alegóricos. E assim foi se modificando uma porção de coisas para poder abrir o desfile sem tumulto. O pior é o tumulto na rua, né?

Sônia: O senhor participou, qual foi o primeiro desfile, seu Isaac, que o senhor participou?

Isaac: Em 1950.

Sônia: Em 1950, foi o primeiro desfile?

Isaac: Primeiro desfile. Eu fiz três carros alegóricos lá na firma Veronese [Fábrica de Produtos Químicos Veronese], que eu dirigia a firma do Veronese. Lá eu consegui um espaço e fizemos três carros alegóricos. Depois, já em [19]54 foram feitos dez ou quinze carros me parece, sendo que o carro da Maria Elisa Eberle, que era rainha em [19]54, foi feito pelo Bellini, que era funcionário do Eberle [Metalúrgica Abramo Eberle], ela era filha do Júlio [Eberle]. Então foi uma folha de parreira grande e tudo mais, foi ele que fez aquele carro, mas lá no Veronese junto com os meus.

Sônia: Seu Isaac, e o senhor fazia, recebia um projeto e executava, ou toda a criação era sua?

Isaac: Não, não, a criação vinha da Lorena, vinha da filha dela, vinha de todo mundo, cada um trazia um, uma criatividade e a gente dizia “Bom, vamos fazer esse, vamos fazer aquele...” e cada um dava um palpite, né?

Lorena: E tinha sua equipe, também, das meninas da universidade.

Isaac: Ah, é, eu tinha a turma da Marisa Saretta Rossato, da Leonor Aguzzoli, da.... Como era o nome da, da Rossetti? Liliana.

Lorena: A professora Liliana.

Isaac: Liliana Rossetti. Eu tinha uma equipe grande de moças e tudo mais que ajudavam, que queriam trabalhar, que faziam desenhos e davam palpites porque era tudo questão de palpites, né? E ali foram surgindo vários carros alegóricos. E, além disso, nós fazíamos os carros, os carros de capoeira, como nós chamávamos. Nas colônias, que não tinha dinheiro, a gente ia lá ajudava, dava palpites, fazia uma parreirazinha e tudo mais e apareciam de vez em quando esses carros de... E tinha o Rincão da Lealdade que todas, todas vezes eu fazia o carro do Rincão da Lealdade, era uma um... Como é que se chama? Era uma um *deck* lá, qualquer coisa, pra eles desfilarem. E tinha o carro dos irmãos Bertussi e tinha o carro dos caçadores, né? O carro dos caçadores, nós fazíamos lá uma barraca com os caçadores, com as armas, e o Tomazzoni tinha uns bichos empalhados e nós enfeitávamos o carro com os bichos que o Tomazzoni tinha.

Lorena: E fazia sucesso!

Isaac: E fazia sucesso! Porque ele tinha um monte de bichos empalhados. E os caçadores, então, davam um tiro na Praça, sendo que um carro que fizeram em Flores da Cunha, dos caçadores, um cara levou a arma carregada e deu um tiro, pegou na cabeça de uma menina. Quase matou a guria. Porque, eles em vez de atirar pra cima, atiravam pro povo, né?

Sônia: E como é que surgiu a ideia dos carros alegóricos, seu Isaac?

Isaac: Aí é que está! Porque, desde a primeira festa, foi feito o carro pra desfilar a rainha. Por exemplo, a taça que o, que a Firma Gianella fez [Lanificio Matteo Gianella], uma taça enorme, desfilou, a primeira a desfilar foi a Adélia Eberle, que foi a primeira rainha da Festa da Uva. Depois desfilou a Odila Zatti, foi a segunda, a terceira foi aquela de Bento Gonçalves a...

Lorena: Terezinha Morganti.

Isaac: Terezinha Morganti. Aquilo depois nos deu um incômodo maluco! Porque a escolhida foi Bila Vial. Mas a conversa do Dr. Olmiro de Azevedo e tudo o mais, escolheram a Terezinha Morganti no Juvenil. E ela foi desfilar e tudo mais, mas o povo de Caxias não gostou muito da

história, de trocarem a Bila Vial pela Terezinha Morganti. Era para que fizessem a integração dos municípios e tudo mais. Tudo bem, mais não foi bem recebida, infelizmente não foi. Precisa se falar aqui a verdade do que aconteceu, né? Porque muita gente diz que foi uma barbaridade, que o pessoal não aceitava. Mas lógico que não podia aceitar! A eleita, por votos, foi Bila Vial, né?

Sônia: A eleição da rainha, desde a primeira, era por votos? E foi até quando?

Isaac: Até, até a eleição da Maria Elisa Eberle. Porque o pessoal comprava votos e tudo mais e, quem tinha mais dinheiro, é quem elegia a rainha, né? Aí é que está! Aí nós desistimos da questão dos votos comprados. Porque houve uma série de problemas com o negócio dos votos comprados, porque teve um cidadão aqui, eu nem vou fazer o nome, que diz que ele com o dinheiro que tinha e com a imprensa na mão, ele elegia até uma “nega” para a rainha da Festa da Uva. Quer dizer, uma bobagem, né? Aí então nós jogamos que ele não era capaz de encontrar nem, mas ninguém pra ser candidata! Tu sabes que não encontrou uma candidata no Município de Caxias do Sul! Porque eu falei com todos os presidentes das entidades sociais e disse olha “Vocês, pelo amor de Deus, não me apresentem candidata!” E ele ficou sozinho e teve que devolver a eleição da rainha para a comissão central da Festa da Uva, sendo que não houve jeito de encontrar outra candidata. Então, ficou de não se cobrar mais a venda de votos, né? E nós botamos o Rossarola, o Artur Rossarola, como presidente desta comissão pra eleger a rainha. Aí é que foi eleita a Maria Elisa Eberle. Porque eles queriam sabotar, né?

Sônia: E seu, seu Isaac, e como é que começava a organização do desfile?

Isaac: Mas isso não começava. [risos]

Sônia: Já começava direto?

Isaac: Quando nós entrávamos no negócio já estava feito o negócio. Quer dizer, a gente contava quantos carros iam fazer, o fulano, o beltrano e tal, e a sociedade tal, e aí se fazia a relação e estava feito o curso alegórico. Aí eu convidava a família da Lorena, os Perini que ajudavam fazer os carros, todo mundo, a cuidar do curso alegórico, né?

Lorena: A equipe que trabalhava na confecção.

Isaac: É a equipe que trabalhava na confecção, cuidava dos carros.

Sônia: E tinha muitos figurantes, né? Como é que eram escolhidos esses figurantes?

Isaac: Não, eles se apresentavam, então eram amigos, né? Por exemplo, a Lorena convidava todas as amigas dela e colocava no carro alegórico; eu convidava o pessoal que acontecia e...

Lorena: E as pessoas procuravam mesmo, procuravam, né?

Isaac: Tem muitas moças que procuravam porque elas queriam desfilar, né? Então aí era fácil botar o pessoal lá em cima.

Sônia: E, por exemplo, a roupa dessas pessoas, dos figurantes era a Festa da Uva que dava ou?...

Isaac: Não, raramente, porque a Festa da Uva que não tinha dinheiro. A Festa da Uva era sempre sem um tostão. Então, elas arrumavam emprestado vestidos. Agora, para a rainha, as princesas, isso era pago pela Festa da Uva, né? Mas, o restante era cada uma pagava o seu.

Lorena: E ficavam contentes.

Isaac: E ficavam contentes, pagando.

Sônia: Hoje também é assim?

Lorena: Sim.

Isaac: Sim. Tem muita moça que quer desfilar, ela compra roupa, ela quer desfilar, né?

Sônia: Eu queria, o senhor, também, começou a criação dos pórticos, né, e a confecção...

Isaac: Sim, aliás foi...

Sônia: Eu queria que o senhor falasse um pouquinho dos pórticos?

Isaac: Os pórticos foi comigo mesmo, né? Eu comecei a inventar que tinha que enfeitar a cidade, tinha que botar alguma coisa na cidade. Então, eu falava com as artistas e a Marisa Rossato, a Saretta, essa turma, para que me... eu dava a ideia, e botávamos folhas de parreiras e cachos de uvas, inclusive a Lorena também dava, né, e elas desenhavam os pórticos que nós fazíamos de madeira. A armação era feita toda de madeira, aquele travessão que tem na rua aí, tudo era feito de treliças de madeira, e se fazia uns dez, doze pórticos em toda cidade. Depois, então, se inventou de fazer de ferro. Então, mandei fazer as armações de ferro lá no Randon [Randon S/A Implementos e Participações]; o Randon me fez todas as armações de ferro, que passavam ali, em cima da rua. Mais tarde, então, falavam que era uma barbaridade aquelas armações de ferro todo ano, nós tiramos e nunca mais eu coloquei no lugar porque, pra ficar aí todo ano ficava feio, né? Então, tiramos as armações, mas elas ficaram uns dez anos aí eu acho. E, até hoje, elas não foram desmontadas, estão lá no depósito de ferro velho, estão todas as armações lá. E aí então, se inventava desenhos, ou... como vocês viram a história da cidade, dos imigrantes, se fez todos os pórticos sobre esse assunto. Tinham vinte e três pórticos depois, né? E o pessoal gostou muito, mas depois desmancharam e tudo o mais. Agora que está aparecendo esses outros pórticos aí.

Sônia: Seu Isaac, e o senhor é um autodidata na construção dos carros alegóricos, ou o senhor... foi um aprendizado?

Isaac: Eu, sim, eu era autodidata, porque aqueles que eu inventava, eu dizia: “Lorena, vamos fazer assim, vamos fazer assado e tal” e, então, saía o carro mais ou menos como nós pensávamos, né? E a Lorena também, e a filha dela também, né?

Lorena: E os filhos todos.

Isaac: E os filhos todos, né? De forma que a gente inventava os carros alegóricos. Bom, eu sempre brigava com a Lorena pra não fazer muita casinha. Compreende? Porque o cara “ah, vamos fazer”... Então, vamos fazer uma casinha aqui, botamos, desfilava dez casinhas dentro da...

Lorena: Teve um ano que teve uma inflação de casinhas.

Isaac: Uma inflação de casinhas. Era uma barbaridade! Eu dizia “Lorena, não bota casa!” Porque cada um te dizia “Vou fazer uma casa aqui, aqui nós botamos um vaso de flores, aqui botamos”... Dizia “Suspende com as casinhas porque era uma barbaridade.” Aí sim, aí...

Lorena: Agora, duas ficaram famosas.

Isaac: Duas ficaram famosas, é.

Lorena: A casa colonial e a casa de pedra, que permanecem ainda.

Isaac: A Casa de Pedra foi feita...

Lorena: Já estão com doze anos.

Isaac: Pela filha da Lorena, e...

Lorena: A Ana Selma.

Isaac: A Ana Selma. Aquelas ficaram famosas e todos os anos desfilava a casa de pedra. [réplica da casa que, hoje, abriga o Museu Ambiência Casa de Pedra]

Lorena: Porque ela é o cartão postal da cidade.

Isaac: É muito bonita. E a gente aproveitava carro velho e modificava, botava uma coisa mais, uma coisa a menos, botava um pano, tirava. E os carros alegóricos foram feitos assim.

Susana: E a participação das bandas, das?...

Isaac: Aí a gente convidava, né? Por exemplo, a banda do [Colégio Nossa Senhora do] Carmo era uma beleza de banda, né, que, aliás, foi uma pena ter terminado. Porque aquilo vou te contar...

Sônia: Seu Isaac, qual é o carro que o senhor mais gostou, que mais lhe marcou?

Isaac: Que eu, não, quem fez foi a Ana Selma, foi o último que ela fez, aquele da, aquele da, da Dotti.

Lorena: Da Mariza Dotti.

Isaac: Da Mariza Dotti. Era uma coroa de, uma coroa de metal com aqueles mantos de veludo. Aquele carro...

Lorena: Bordados.

Isaac: Bordados. Ficou muito bonito. Quem, quem fez o carro, o desenho eu forneci, mas quem fez o carro foi a filha da Lorena. Eu tenho até hoje lá uma fotografia grande lá em casa. Não sei se tu vistes? Vistes? E o carro que eu mais gostei, de todos os carros que foram feitos, foi aquele do Darwin Gazana, a carreta. A carreta foi uma maravilha que a, a rainha era a Helena Robinson.

Susana: Hum, me lembro!

Isaac: Que maravilha de carro! Foi uma pena que a chuva estragou tudo, né? Foi aquela vez da chuva. Mas era muito bonito, aquela carreta, era a carreta maior que tinha no Brasil. Ela foi feita pelo D' Agostini, que era pra carregar máquinas, máquinas; ela tinha rodas enormes, grossas, toda carreta era muito reforçada. Foi aquilo que deu um *it* no desfile de carros alegóricos. Como é que devia ser o carro alegórico lá em João Pessoa? Ele morreu do coração.

Lorena: Ele não terminou o projeto e, então, partindo daquele que ele havia deixado, foi feito o carro alegórico.

Isaac: Muito bonito! Maravilha! Coisa do Darwin mesmo.

Sônia: E quando começaram os desfiles noturnos?

Isaac: Ah, tu já estavas trabalhando? Foi em 1954?... Eu acho que foi.

Lorena: Em [19]54, eu não estava.

Susana: Em [19]54 era a Elisa.

Isaac: A Maria Elisa Eberle. Não, eu acho que foi depois; foi em 1974. Foi no tempo de Lívio Gazola, [1969]. Foi quando foi feito o bispão, aqui que começou a se fazer o desfile noturno.

Sônia: E daí houve?...

Isaac: Em [19]72, em [19] 68, é.

Susana: Em [19]68, com a Elisabeth Menetrier. [rainha em 1969]

Isaac: Foi aí que começou o desfile noturno.

Sônia: E o desfile noturno assim, teve uma mudança na concepção pra fazer os carros?

Isaac: Não, mais a iluminação, né?

Sônia: Só a iluminação?

Isaac: A iluminação, precisava iluminar bem os carros, mas infelizmente não tinha muito dinheiro [risos]. Então, o negócio era *spot* aqui, *spot* de lá e uma iluminação meio fajuta. Mas, tínhamos que fazer, né? Não eram carros feericamente iluminados, porque não tínhamos dinheiro nem pra comprar lâmpadas. [risos] Mas ficou bom, porque o pessoal vinha e enchia essa Praça de gente, e holofote daqui, holofote de lá, afinal, dava para enxergar. Mas devia ser uma iluminação mais viva, né?

Sônia: Mas, os materiais para a confecção continuaram sendo os mesmos ou vocês começaram a utilizar outros materiais?

Isaac: Não, nós tivemos que comprar fios, comprar lâmpadas, comprar suportes, né? E a Festa da Uva não tinha dinheiro, então o negócio, não era fácil, sempre a dificuldade do dinheiro. Sempre, sempre.

Sônia: Seu Isaac, e durante toda a trajetória da Festa da Uva, que significado, hoje, a Festa da Uva tem pro senhor?

Isaac: Imagine, eu vivi dentro disso aí quarenta anos! Você pode imaginar que mais da metade da minha vida eu vivi em Festa da Uva. Né, Lorena? É como a Lorena, a Lorena tem quarenta anos de Festa da Uva também.

Lorena: Não, vinte e oito, vai fazer vinte oito anos.

Isaac: Vinte e oito. Está vendo? Porque sempre que começavam a falar em Festa da Uva, eles vinham a nossa procura “Porque o Isaac vai fazer isso, porque a Lorena vai fazer as flores, porque pá, pá...” No início foram as flores, depois eu dizia: “Não Lorena, tu tem que vir trabalhar lá!” Ela veio, ela tinha uma equipe que trabalhava com ela com pintura e tudo mais, e os filhos dela também, que os filhos da Lorena eram tudo gurizada pequena naquela época. Mas depois foram crescendo e foram trabalhando nos carros alegóricos. É por isso que hoje eles conhecem bem a história, porque sempre trabalharam, né? E ela incentivava, porque quem sabia trabalhar era a Lorena e eles aprenderam com ela, né? E aquilo lá foi, o estímulo da turma toda foi fazer carros bonitos, né? Então, às vezes, eu olhava pro carro e dizia “Olha, Lorena, isso aqui não está bom!” Ela modificava, ela sabia; eu também dava palpite e modificava o negócio. É a equipe de carros alegóricos sempre foi a nossa, não, saía fora daí, ninguém trabalhava. Às vezes nós botávamos

peessoas que não conhecíamos e saía cada porcária que vocês não podem imaginar. Que queriam trabalhar em carros alegóricos, quando nós íamos ver era uma grande porcária. Porque não é fácil! Fazer carros alegóricos não é fácil! Porque é preciso que o carro dê um *tchan*, que dê aquela...

Lorena: Cause um impacto.

Isaac: Um impacto. O carro tem que ter impacto, ele chega na praça, ele é visto só três ou quatro minutos. Então tem que dar impacto, né? A gente olha o carro e diz “que bonito!”. Se tu vai olhar os detalhes, é difícil tu olhar detalhes de carros alegóricos. É como aquele que diz “Se mete a fazer a polenta!” Mas ninguém vai enxergar aquilo! É o impacto do tamanho do carro, da beleza, as moças que estão em cima. Ninguém vai olhar a polenta pra deixar de olhar pra uma moça bonita, né? [risos]

Susana: Eu me lembro que teve uma época que um dos carros que causava impacto era o da Metalúrgica Eberle.

Isaac: Ah! Sempre os carros da Eberle eram carros maravilhosos! Feitos pelo Darwin Gazzana! Ele fazia sempre os carros da Eberle. Ele fez um pássaro, te recorda daquele pássaro?

Lorena: Um pavão.

Isaac: Um pavão. Que coisa mais linda! E houve um ano em que ... aquele do pavão? Não! Aquele que quebrou?

Susana: A taça?

Isaac: A taça. Foi feita uma taça, e o Dovíglia Gianella metendo o bico onde não devia, ele vai ouvir isso, ele mandou passar o carro alegórico onde não estava marcado, porque nós tínhamos que marcar a rua que passava por causa da altura do carro. E aí perto da Chácara do Eberle, ele bateu nos fios, quebrou a taça e, no fim, teve que desfilar com quatro, quatro soldados, do Batalhão da Guarda, segurando a taça pra poder desfilar, porque tinha quebrado, né? E foi um transtorno aquela vez por causa do carro, né? “E agora, como é que nós vamos passar com isso aí?”

Susana: Mas foi resolvido?

Isaac: Foi resolvido.

Susana: Foi resolvido.

Sônia: Seu Isaac, algum fato pitoresco, que o senhor lembra que aconteceu?

Isaac: Esse é pitoresco! [risos] Quebrou a taça!

Sônia: Quebrou a taça. Algum outro que o senhor lembra?

Susana: O que chovia ou...

Isaac: Ah, em [19]61 foi a chuva, né? Tu sabe que toda a América do Sul estava na expectativa da chuva, toda a América... porque as rádios... Ah sim, eu vou falar nisso. As rádios falavam “Hoje vai sair desfiles de carros alegóricos, mas tomara que não chova, porque vai chover, porque não vai chover”. Era o Rio de Janeiro a falar, São Paulo a falar, todo mundo a falar da chuva, né? Parecia mentira, era naquele dia que chovia. Aqui tem o Gazola, ele também fazia o carro alegórico deles, aliás, carro muito bonito eles faziam lá. Era o Eberle, o Gazola [Gazola S/A Indústria Metalúrgica], tinha a Madal [Madal Palfinger S/A], várias firmas que faziam o carro alegórico. A Lorena está escrevendo aqui. Então, eles nos ajudavam porque era um carro a mais que era feito por eles. A Fras-le, a Fras-le [S/A], as filhas do Stedile faziam carros muito bonitos.

Susana: Existia, não sei, o senhor que viveu nisso, existia assim alguma rivalidade entre uma empresa ou outra?

Isaac: Não, não, não. Cada um queria fazer mais bonito, é lógico, né? Mas não havia rivalidade. Que esperança! Aliás, eles faziam questão que o outro fizesse bonito, porque todo mundo gostava que a Festa da Uva fosse bonita. O povo vibrava quando se fazia coisa bonita. É por isso que, quando o Bassanesi pediu pra nós desfilarmos com os operários e tudo mais, com roupas de serviço, foram umas cento e poucas pessoas, que desfilaram com roupa de trabalho, com camisa suja, ou calça suja, e passaram aqui na praça, em vez de aplaudirem, vaiaram. Porque ninguém gosta de coisa feia, ninguém gosta de ver o pessoal sujo. Olha, aquele do Rio de Janeiro, lá o?...

Lorena: Joãozinho Trinta.

Isaac: O Joãozinho Trinta. Ele disse “Se eu botar o pessoal das malocas aqui, que fazem o desfile de carnaval, se eu botar eles no traje que eles andam todos os dias, ninguém vai ver curso alegórico do Rio de Janeiro!” O pessoal vai porque é bonito, é luxuoso; o pobre não gosta de ver pobreza, gosta de ver coisa bonita! Aqui em Caxias é a mesma coisa, ninguém... todos sabem que o colono, quando ele vai trabalhar, ele está sujo, está trabalhando. Mas vir desfilar aqui pra mostrar o que ele tem, a roupa rasgada, eu dizia pro Bassanesi “Bassanesi, tu vai fazer bobagem!” “Não, porque nós temos que mostrar o coitado do colono que trabalha lá na...” “Mas, ele quando está trabalhando ele está com a roupa de serviço; ele não vem na cidade com aquela roupa!” “Não, mas nós...” Ele fez tanto que nós desfilamos com os... Mas não houve sucesso nenhum. Também foi uma única vez, né?

Sônia: Mais alguma coisa, seu Isaac, que o senhor gostaria de falar?

Isaac: Não, eu gostaria que vocês me perguntassem, talvez eu tenha mais coisas pra contar, né?

Sônia: Então vamos fazer assim, vamos ver a Dona Lorena e depois enquanto...

Isaac: Ah, ótimo, ótimo, assim ela pode....

Sônia: Enquanto isso o senhor se lembra.

Transcrição em: 18 a 23 de abril [1996].

Por: Maria Beatris Gil da Silva

Revisão em: 21 de dezembro de 2010, janeiro de 2019 e 17 de janeiro de 2025.

Por: Sônia Storch Fries, Fabiana Zanandrea, Graciela Deon Rodrigues.

Duração: 40 minutos.

Observação: